

---

## A CONDIÇÃO FEMININA EM *LISÍSTRATA* E EM *A FONTE DAS MULHERES*

Amanda Jéssica Ferreira Moura<sup>1</sup>  
Carlos Augusto Viana da Silva<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente trabalho dá enfoque à comédia grega *Lisístrata* (411 a.C), de Aristófanes, e a sua adaptação cinematográfica, o filme *A Fonte das Mulheres* (*La Source des Femmes*, 2011), coproduzido por França, Bélgica e Itália e dirigido pelo romeno Radu Mihaileanu. Ambas as obras trazem a questão da greve do sexo instaurada pelas mulheres, mas os motivos e os desdobramentos dessa greve são divergentes. Para desenvolvimento de nossa pesquisa, partimos da descrição de excertos da comédia e de cenas do filme, considerando as peculiaridades dos contextos de produção e recepção de cada uma delas, a fim de examinar as diferenças no que se refere ao tratamento dado às questões femininas nas obras citadas. Para fundamentar teoricamente o trabalho, recorreremos a pesquisadores que se debruçaram sobre os estudos de tradução e adaptação, como Hermans (1992) e Lefevere (1992), e sobre o estudo da comédia grega, como Pompeu (1997) e Oliveira e Silva (1991). Uma vez que os contextos de produção e recepção das obras são distintos, as escolhas feitas durante a elaboração dessas narrativas também se diferenciam, o que aponta para um processo de reescritura do enredo. Os resultados demonstram que a obra cinematográfica, devido ao contexto no qual se insere, debate a condição feminina de modo diverso da comédia: enquanto a comédia aristofânica aborda a temática da mulher para discutir sobre a manutenção da pólis, o filme acolhe pontos de discussão importantes para o próprio movimento feminista e discute a opressão que o patriarcado impõe às mulheres.  
**Palavras-chave:** Adaptação. Cinema. Mulher.

**Abstract:** This current paper focuses on the Greek comedy *Lysistrata* (411 BC), by Aristophanes, and its film adaptation, the film *The Source of Women* (*La Source des Femmes*, 2011), co-produced by France, Belgium and Italy and directed by Radu Mihaileanu Romanian to analyze the status of women at home. For the development of the research, we start from the description of excerpts of comedy description and from scenes of the film, considering the peculiarities of production contexts and reception of each, in order to examine the differences in regard to the treatment of women's issues in the works cited. To justify theoretically the work, we resort to researchers who have studied the translation and adaptation studies, as Hermans (1992) and Lefevere (1992), and on the study of Greek comedy, as Pompey (1997) and Oliveira e Silva (1991). The results show that the cinematographic work, due to the context in which it operates, debates the status of women of diverse comedy mode: while the Aristophanic comedy deals with the theme of women to discuss the maintenance of the polis, the film receives major discussion points to the feminist movement itself and discusses the oppression that patriarchy imposes on women.  
**Keywords:** Adaptation. Cinema. Women.

---

1 Discente do Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará.

2 Docente do Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A comédia *Lisístrata* (411 a.C) é uma peça de autoria do comediógrafo grego Aristófanes e traz a história das mulheres que, lideradas pela ateniense Lisístrata, impuseram aos seus maridos uma greve do sexo a fim de que a guerra entre Atenas e Esparta, que já durava vinte anos, fosse encerrada. A peça em questão, uma das mais famosas obras aristofânicas, já ganhou diversas adaptações para o cinema, o que comprova o interesse do espectador contemporâneo pela cultura grega clássica.

No entanto, trazer esse tipo de narrativa ao público atual demanda modificações e escolhas, pois não há como desconsiderar as evidentes diferenças históricas e culturais entre os dois públicos. Admitindo essa premência das reescrituras do enredo e acatando a noção de que o texto de chegada não deve ser avaliado a partir de conceitos como “fidelidade” em relação ao texto de partida, tentamos analisar, principalmente, as diferenças relativas ao tratamento da condição social da mulher na peça aristofânica e na adaptação fílmica *A Fonte das Mulheres* (*La Source des Femmes*), 2011, dirigida por Radu Mihaileanu.

Segundo Hermans (p.1992, p.1), trabalhar com adaptação demanda que as análises não levem em conta unicamente o sistema do texto de partida, mas também o sistema do texto de chegada. Nesse sentido, tentamos esboçar um panorama dos contextos de produção e recepção da peça aristofânica *Lisístrata* (411 a.C) e da adaptação fílmica *A Fonte das Mulheres* (2011), considerando aspectos históricos e sociais de ambos os momentos.

Compreendendo, conforme ensina Lefevere (1992, p.9), que a tradução é uma reescrita, noções como original e cópia devem ser repensadas cautelosamente. Consideramos que a adaptação não deve ser vista como uma cópia em relação ao texto-fonte, mas como uma reescrita na qual as convenções sociais da cultura de chegada influenciam as escolhas feitas durante o processo de elaboração. Essa reescrita, por sua vez, contribui para a dinâmica do sistema literário na medida em que ressignifica o texto de partida.

Desse modo, admitindo a adaptação como uma tradução e desejando contribuir para a ampliação do debate acerca destes estudos, buscamos desenvolver uma pesquisa de caráter qualitativo e bibliográfico que se centra na adaptação de um texto do século V a.C para um público pós-moderno. Para desenvolvimento de nossa pesquisa, levaremos em consideração os aspectos históricos e sociais inerentes aos contextos de produção e recepção de cada obra e recorreremos, para elaboração da fundamentação teórica, a alguns pesquisadores da comédia grega, como Pompeu (1997) e Oliveira e Silva (1991). Examinaremos alguns pontos importantes que definiram ideologicamente as escolhas feitas na reescrita de *Lisístrata* (411 a.C) e veremos que essa liberdade na adaptação fílmica não configura demérito, mas possibilidade de repensar o mundo contemporâneo e, até mesmo, possibilitar que obras canônicas cheguem ao público atual.

## UM BREVE HISTÓRICO DA COMÉDIA GREGA

A comédia grega teve como fases a Comédia Antiga, a Comédia Intermediária e a Comédia Nova. Um dos principais comediógrafos vivos durante dos períodos das Comédias

Antiga e Intermediária foi Aristófanes, que, em suas peças, debateu questões relativas ao teatro grego e à política na Grécia. A comédia se estruturava a partir das seguintes partes:

1. o prólogo: exposição dos acontecimentos;
2. o párodo: intervenção inicial do coro;
3. o *agón*: momento de disputa, debate entre os personagens;
4. a parábase: coro característico, em que os atores se dirigiam aos espectadores, a propósito da ação da peça ou abordando assuntos com ela não relacionados imediatamente;
5. uma sequência de breves episódios;
6. o êxodo: exposição final do coro, por vezes na forma de banquete ou matrimônio.

Se, atualmente, o contato que temos com os textos de Aristófanes ocorre apenas a partir da leitura, em sua época de produção não era bem assim. Esses textos, inicialmente escritos, deveriam necessariamente ser encenados em festivais dionisíacos, como as Leneias e as Grandes Dionísias. O primeiro festival, que ocorria no período equivalente aos meses de janeiro e fevereiro, era especialmente voltado à comédia e tinha como público espectador apenas a população ateniense. As Grandes Dionísias, por sua vez, ocorriam entre março e abril e eram abertas aos atenienses e estrangeiros (fossem eles gregos ou não).

Dado o cunho inferior relegado à comédia desde aquela época, esse gênero só foi admitido nos concursos oficiais aproximadamente cinquenta anos depois da tragédia, por volta de 487 - 486 a.C. A inferiorização do gênero cômico diante dos outros gêneros, no entanto, parece-nos um equívoco, pois a comédia utilizava-se da ironia e do riso para possibilitar que acuradas análises críticas da ordem político-social fossem desenvolvidas.

Há uma relação profunda entre a comédia e a sociedade na Grécia. Lembremos que, na democracia ateniense, “O indivíduo só se realiza como cidadão ideal (...) na medida em que toda a sua vida é pautada pela intervenção política” (OLIVEIRA e SILVA, 1991, p.9), de modo que “de nenhum cidadão se pode dizer que fosse uma pessoa privada” (idem). Assim, o comediógrafo, como cidadão, tinha seu trabalho permeado pelas problemáticas sociais, de modo a assumir, como “finalidade da obra, a intervenção social, isto é, que, para além de provocar o cômico, o autor intente ‘ensinar’ e ‘censurar’. Ou, por outras palavras ‘elogiar’ e ‘vituperar’” (idem).

Posto que tanto as críticas elaboradas pelo comediógrafo quanto o riso por parte do espectador estão intimamente relacionadas ao contexto no qual a comédia está inserida, uma questão se põe: é possível trazer uma comédia grega para os dias atuais?

## CONSIDERAÇÕES SOBRE LISÍSTRATA

*Lisístrata* é uma comédia aristofânica datada de 411 a.C e encenada pela primeira vez durante o festival das Leneias, no teatro de Atenas. Seu enredo é relativamente simples e conta a história da implementação de uma greve do sexo para pôr fim à guerra instaurada há vinte anos entre Atenas e Esparta. Nesse ínterim, as mulheres invocam Eros e Afrodite para que causem desejo sexual nos homens, que ficam em estado de ereção. Além disso, elas tomam a Acrópole, local onde ficava guardado o tesouro público. Os homens, impelidos pelas necessidades físicas, acabam cedendo e selando acordos de paz entre as duas cidades.

Nesta peça, temos mulheres que tomam o poder e alcançam posições de liderança, o que, para Atenas daquele período, seria algo impossível, pois a elas era terminantemente negado o direito de atuar nas decisões da polis.

as mulheres tomando a Acrópole ateniense e fazendo uma greve de sexo é um quadro exótico, levando-se em conta que elas, na realidade de Atenas, não participavam da cidade, de modo a serem consideradas cidadãs plenas. Embora uma mulher de nascimento cívico fosse também uma cidadã (polítis), não tinha, em Atenas, nem capacidade judiciária nem direito de propriedade (egktêsis) (POMPEU, 1997, p. 23).

Assim, um dos fatores primordiais que dão à essa peça o valor cômico é colocar personagens femininas em situações que, para os gregos, seriam absurdas. Essa afirmação pode ser evidenciada no início da peça, na terceira fala de Lisístrata, quando ela se queixa que as mulheres estão atrasadas para a reunião.

Li. Mas quando se diz para elas se reunirem aqui  
para sobre algo de muita importância deliberarem,  
dormem e não chegam.  
(POMPEU, 1997, p.132)

Cabe aqui ressaltar que “deliberar” não era uma palavra usada no vocabulário feminino, mas na Assembleia, lugar do qual as mulheres eram excluídas, pois, embora fossem esposas legítimas de cidadãos, não tinham direito à voz nos assuntos referentes à organização da polis, conforme vimos. A elas era destinado o ambiente do lar.

A tomada da Acrópole por parte das mulheres era risível do mesmo modo, pois a Acrópole era um ambiente fundamentalmente masculino. Ainda em épocas de guerra, quando todos os homens jovens estavam fora da cidade, a Acrópole ficava sob o poder dos homens mais velhos, conforme nos explica Pompeu (1997) sobre a situação real na Grécia.

as mulheres, de um modo geral, e, particularmente, as atenienses, não faziam parte do cenário político na Grécia do século V a.C.. Isto torna absurdo o sucesso de uma greve de sexo, ou mesmo qualquer ação contra os homens no campo da cidade. Pois, em Atenas, ainda que os homens estivessem ausentes pelas expedições militares, o poder da polis estava entregue aos velhos cidadãos, que estão isentos do efeito de uma greve de sexo (POMPEU, pp. 2-3).

Outro dado importante é que, durante essa época de abstinência do sexo, não se consideravam outras alternativas de satisfação sexual, como as relações com prostitutas, viúvas, escravas ou mesmo a prática da masturbação. Os homens, desse modo, sentiriam falta do sexo com suas esposas, que era o sexo para reprodução e povoação da polis com cidadãos legítimos.

Assim, a peça aponta para uma reflexão de que é necessário repor a população que vai ficando escassa em decorrência da guerra, pois há mortes e, estando os homens fora de

casa, não há nascimentos. O sexo matrimonial é um fator vital para a sociedade ateniense na medida em que se relaciona à reprodução e à repovoação da cidade com mais cidadãos mantenedores da polis.

Dispor o poder nas mãos das mulheres, portanto, não é um artifício usado por Aristófanes para designar autonomia feminina ou possibilidades de decisão nos assuntos sociais, mas um meio de provocar riso, dado o absurdo da situação, para, a partir dele, versar sobre assuntos mais urgentes aos gregos, como o fim da guerra e a manutenção da polis. A autoridade feminina tratada na peça é apenas um disfarce, uma máscara através da qual a comédia em questão discute mais acerca da preservação da cidade do que da condição da mulher.

### A TRADUÇÃO DA PEÇA PARA AS TELAS: A EMANCIPAÇÃO FEMININA EM *A FONTE DAS MULHERES*

Trazendo também a questão da greve do sexo instaurada pelas mulheres, temos *A Fonte das Mulheres* (*La source des femmes*), de 2011, coproduzido por França, Bélgica e Itália e dirigido pelo romeno Radu Mihaileanu. O filme foi um sucesso de bilheteria e “vendeu meio milhão de ingressos na França em apenas um mês” (Agência O Globo, 2012), além de ter sido indicado a importantes prêmios importantes da indústria cinematográfica, como a Palma de Ouro.

O longa-metragem retrata a vida em um pequeno vilarejo mulçumano, situado entre o Norte da África e Oriente Médio, no qual as inovações tecnológicas ainda não chegaram. Desse modo, as mulheres precisam caminhar longas distâncias, sob o sol escaldante, para buscar água na nascente, não importando se estão grávidas ou adoentadas. Esse costume seria uma tradição instituída desde a época em que homens precisavam ausentar-se devido às guerras.

Na tentativa de mudar essa situação e proteger as mulheres, surge a ideia de que todas as elas façam uma greve do sexo para impelir seus maridos - que não precisam mais ir à guerra, portanto passam boa parte do dia conversando, fumando e bebendo chá - a buscar a água na fonte, dividindo com as mulheres as obrigações do lar.

Além da greve sexual, vários elementos presentes na comédia aristofânica são enfatizados no filme. Radu Mihaileanu afirma, em entrevista ao O Globo, ter voltado a “Aristófanes para buscar seu humor preservando a dimensão política do gesto daquelas mulheres”, embora possa ter se inspirado em Aristófanes também no que se refere à capacidade de elaboração crítica sobre questões fundamentais de seu tempo. Obviamente, há diferenças vitais entre as duas obras, a começar pelo tom dramático que a adaptação fílmica adquire, conforme discutiremos mais adiante.

Uma das questões mais urgentes a serem consideradas nesse processo de reescrita é a fonte na qual as mulheres buscam água. Na comédia grega, a passagem sobre a busca de água na fonte é um mero detalhe sobre o qual Aristófanes não se prolonga. Na ocasião, as mulheres estão na Acrópole aguardando ajuda contra os velhos que querem matá-las. Quem deve socorrê-las são as mulheres mais velhas, que chegam atrasadas por estarem apanhando água na fonte, onde há tumulto e muita gente.

Na adaptação fílmica, no entanto, esse momento é retomado, reescrito e colocado como o ponto central da narrativa, como o estopim para que a greve do sexo e as suas

consequências aconteçam, o que se evidencia no próprio título do filme. Na obra dirigida por Radu Mihaileanu, a relação entre as mulheres e a fonte não traz os desencontros e as trapalhadas inerentes à comicidade nem incita riso, mas toca em pontos delicados acerca do silenciamento feminino dentro do patriarcado.

O contexto de produção e recepção de *A Fonte das Mulheres*, no século XXI, se dá após as três fases (ou “ondas”) do movimento feminista, em um momento no qual reivindicações em prol da defesa dos direitos femininos são cada vez mais sólidas. Assim, a condição social da mulher não é apenas uma temática a partir da qual outras questões são desenvolvidas (como ocorre no texto aristofânico), mas traz em si discussões relativas às violências impostas pelas estruturas de poder da hegemonia masculina.

A temática da greve do sexo, no filme, surge como uma oposição à opressão a qual os homens da aldeia relegavam as mulheres. Para o espectador atual, essa discussão não suscita simplesmente o riso, mas o reconhecimento de todas as lutas históricas feministas e das violências vivenciadas no passado e no presente pelas mulheres.

A alteração do tom cômico para o tom dramático é evidenciada, por exemplo, no momento de decisão da greve do sexo. Se na peça temos mulheres deliberando sobre a tomada da Acrópole e a greve do sexo, situações absurdas para os gregos, o filme, por sua vez, apresenta mulheres reunidas em uma sala de banho, de modo a denunciar que a elas pertence apenas o espaço privativo, nunca o público.

Em meio às conversas e brincadeiras, sérias discussões acerca da situação das esposas na aldeia são iniciadas. Leila, a protagonista do longa-metragem, defende a ideia de que os homens devem buscar água. Sua sogra, enraivecida, responde que a água serve para a casa, portanto é obrigação das mulheres buscá-la. A separação de trabalhos a partir dos papéis de gênero é uma evidência de que o discurso hegemônico é incorporado mesmo pelas minorias, o que demonstra um processo de internalização.

Observemos também que, na peça grega, as mulheres preocupam-se com o fato de que elas próprias não suportariam tal estado de abstinência, ao passo que o filme vai mais além, pois mostra, por exemplo, o discurso de uma velha senhora sobre a violência sexual que, como muitas outras mulheres, sofrera na noite de núpcias, quando tinha apenas catorze anos.

Quando eu tinha catorze anos, fizeram-me casar. Eu o conheci na noite de núpcias. Não antes. E, como todas vocês, eu só o vi na manhã seguinte, quando ele abriu as persianas. À noite, eu não o vi. Estava escuro. Ele só me violentou. Eu achava que um marido sentava ao lado da cama da esposa e segurava a mão dela e que era gostoso. Ele tinha 40 anos e já tinha 2 filhos. Um de 10 anos e outro de 11. A mãe deles tinha morrido após uma longa doença, meses antes. Aos 14 anos eu me tornei mãe de crianças da minha idade (minuto 13).

Dar espaço para que, dentro de uma obra fílmica, uma mulher discorra acerca da violência masculina é também uma maneira de acolher as discussões feministas. Assim, a cena na qual a greve é decretada evoca o texto aristofânico, mas opera sobre ele uma reescrita, pois trabalha aspectos menosprezados no texto de partida, como a gravidade do estupro e

outros temas amplamente discutidos pelo movimento feminista e por organizações ligadas aos direitos humanos.

A ideia da greve, portanto, tem motivos e desdobramentos bem diferentes nas duas obras. No texto de Aristófanes, as mulheres desejam que seus maridos retornem às suas casas, ou seja, não se reivindicam mudanças na condição feminina ou no tratamento recebido pelas mulheres, mas há uma desejo de que a tradição seja mantida. Nesse sentido, a adaptação fílmica adquire um caráter revolucionário e questionador, pois as mulheres reivindicam mudanças em prol de melhorias em suas próprias condições, rejeitando, assim, uma tradição machista e opressora.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme observamos no decorrer desse trabalho, o universo artístico da Grécia Antiga ainda tem bastante força nas expressões artísticas do homem do século XXI. No entanto, esse universo não pode ser trazido exatamente da maneira como foi concebido. Embora sirva de inspiração, ele é reescrito e tem suas estruturas reelaboradas, como vimos em *A Fonte das Mulheres* (2011), posto que o momento histórico da recepção influencia nas escolhas durante a produção de uma obra.

Na contemporaneidade, as mulheres ocupam cada vez mais os espaços que, em momentos anteriores, eram predominantemente masculinos. Se, para o leitor contemporâneo, não há riso, por exemplo, quando Lisístrata vai “deliberar” com suas colegas, conclui-se que a possibilidade de tratar a condição da mulher, depois dos movimentos feministas, não é abordando o riso, mas denunciando os abusos que elas sofrem diariamente, o que explica o tom dramático adquirido no filme.

Desse modo, concluímos que é possível trazer uma comédia grega para os dias de hoje, porém o sucesso de bilheteria que o filme obteve é resultante da reescrita, que tornou atrativa ao público contemporâneo uma narrativa aristofânica. E é essa reescrita que atua no processo de preservação da tradição cultural e que permite que, pelo poder da narrativa, o homem contemporâneo interligue-se ao homem grego do século V a.C.

## REFERÊNCIAS

HERMANS, J. *Interférences systématiques du système littéraire sur la légitimation culturelle du cinéma*. Leuven: v ,74. 1992.

LEFEVERE, A *Translation, Rewriting & the Manipulation of Literary Fame*. London and New York: Routledge, 1992.

OLIVEIRA, Francisco de e SILVA, M. F. *O teatro de Aristófanes*. Coimbra: Gabinete de Publicações da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1991.

POMPEU, Ana Maria César. *Lisístrata e seus planos: Mulheres e Acrópole Homens não entram*. Aristófanes, Lisístrata. Estudo e Tradução. Dissertação (Mestrado) - São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 1997.

## FILMOGRAFIA

*FONTE DAS MULHERES*. Direção: Radu Mihaileanu. Produção: Luc Besson, Denis Carot,

Gaetan David. Distribuidora: Paris Filmes, 2011. DVD (aprox. 135min.), colorido, legendado.

Documentos na internet

FONSECA, Rodrigo. A fábula do poder feminino em “A fonte das mulheres”. *Agência O Globo Online*, 20 jan. 2012. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/a-fabula-do-poder-feminino-em-fonte-das-mulheres-3718201>>. Acesso em: 16 nov. 2014.